



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

UM PROJETO DE FORMAÇÃO LITÚRGICO-MUSICAL PARA ASPIRANTES AO MINISTÉRIO ORDENADO

A draft project for Liturgical Musical training for Candidates to the Ordained Ministry

Soraya Heinrich Eberle¹

Resumo:

O presente artigo descreve um projeto em funcionamento desde 2009, vinculado à pastoral da Faculdades EST, em São Leopoldo, sul do Brasil, denominado Projeto Pedagógico Litúrgico-Musical (PPLM). É um grupo formado especialmente por alunos do Bacharelado em Teologia, mas participam também discentes da Licenciatura em Música ou da Musicoterapia, ou mesmo dos cursos técnicos oferecidos pela instituição. O objetivo central e primário deste projeto é qualificar a música nos cultos semanais da instituição. Ou seja, sua atuação converge para o culto, de acordo com o planejamento realizado pelos liturgistas. Esta organização é coordenada pela pastoral. A equipe litúrgica repassa seu planejamento à coordenadora do grupo, que a partir disso prepara o material e o encaminha ao grupo, em um ensaio semanal.

Palavras-chave:

Projeto Pedagógico Litúrgico-Musical. Música. Culto. Experiências.

Abstract:

This article describes a project in operation since 2009, linked to the Faculdades EST campus ministry in São Leopoldo, southern Brazil, called Liturgical-Musical Pedagogical Project (LMPP). There is a group formed mainly of students of the Bachelor's of Theology program, but also students of the Bachelor's in Music or Music Therapy Programs, or even of the technical courses offered by the institution participate. The central and primary objective of this project is to qualify the music in the weekly worship services of the institution. This means, its performance converges to the worship in accordance with the planning by the people officiating. This organization is coordinated by the liturgists. The liturgical team passes their planning to the coordinator of the group, from which she prepares and sends the material to the group, in a weekly practice session.

Keywords:

Liturgical-Musical Pedagogical Project. Music. Worship. Experiences.

¹ Bacharel em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil, Mestre e Doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST), São Leopoldo, RS, Brasil. Coordenadora de Música da IECLB e responsável musical pelo Projeto Pedagógico Litúrgico Musical da Faculdades EST. Contato: soraya_heinrich@hotmail.com

Uma descrição do Projeto Pedagógico Litúrgico-Musical

A maioria dos grupos musicais em contexto eclesial e comunitário, destinados a acompanhar o canto, encontra diante de si um interessante desafio, de acolher habilidades musicais muito distintas, pessoas com maior e menor aprimoramento técnico. Coordenar um grupo como este e ajudá-lo a conduzir o canto comunitário exige boa dose de paciência, habilidade e bom humor.

Outro desafio para profissionais de música é trabalhar com grupos em instituições de formação ou escolas. Seja coro, orquestra ou algum outro tipo de grupo, a maior dificuldade reside na rotatividade dos participantes de ano a ano e, eventualmente, a cada semestre. Para que um grupo encontre uma sonoridade adequada, é necessária a maturidade que vem com o tempo em comum.

O grupo sobre o qual trata esse artigo encontra estes dois desafios, mas ainda outros: seus participantes provêm de diferentes lugares do Brasil e inclusive do exterior (já houve participantes da Alemanha), sendo que não, necessariamente, são da mesma denominação. É um grupo formado por líderes em potencial, geralmente em formação para o ministério ordenado na igreja.

Por isso mesmo, o grupo conta com alguns pressupostos especiais em seu funcionamento. Nem todos eles são inéditos, mas servem aqui como uma ideia, que pode ser estendida a outros contextos.

Trataremos de um grupo em funcionamento desde 2009, da qual a autora do presente artigo é a coordenadora musical, vinculado à pastoral da Faculdade EST, em São Leopoldo, sul do Brasil. É formado especialmente por alunos do Bacharelado em Teologia, mas também há discentes da Licenciatura em Música ou da Musicoterapia, ou mesmo dos cursos técnicos oferecidos pela instituição. A cada semestre, o número de participantes é variável, ficando entre 15 e 25 pessoas. Mais que um grupo, trata-se de um projeto, denominado Projeto Pedagógico Litúrgico-Musical (PPLM).

O objetivo central e primário do projeto é qualificar a música nos cultos semanais da instituição. Ou seja, sua atuação converge para o culto, de acordo com o planejamento realizado pelos oficiantes, que geralmente são professoras e professores da instituição e alunos que se encontram em semestres mais adiantados do curso de Teologia. Esta organização é coordenada pela pastoral. A equipe litúrgica repassa seu planejamento à coordenadora do grupo, que a partir disso prepara o material e o encaminha ao grupo, em um ensaio semanal.

Os objetivos específicos estão centrados no próprio nome do grupo, já que todas as tarefas elencadas acima resultam em um trabalho de formação, motivo pelo qual o projeto é considerado pedagógico. E pedagógico basicamente nos aspectos litúrgico-musicais, mas também sociais e de interação cultural que ocorrem.

Eventualmente, o grupo tem participado de eventos fora do âmbito restrito do culto semanal, mas sempre tendo em vista que seu objetivo não é performático, mas de acompanhamento da comunidade. Participa, assim, de eventos ligados à Secretaria Geral da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – Secretaria de Ação Comunitária, Casa Matriz de Diaconisas, eventos sediados pela Faculdade EST, como Congresso Estadual de Teologia, cultos de

abertura e encerramento de semestre, cultos de formatura. Participou da Assembleia do Dia Mundial de Oração, como grupo convidado. Dessas participações, eventualmente decorrem ofertas de gratidão, que são revertidas em material musical para o grupo, especialmente instrumentos. O grupo também participa esporadicamente de cultos em comunidades, quando geralmente assume toda a organização do culto, incluindo liturgia – música e pregação. Semestralmente, fica responsável, da mesma forma, por um culto na própria instituição. Além disso, participou, em âmbito sinodal, de duas edições do Festival Luterano de Música, sendo que em uma, foi classificado em terceiro lugar em sua categoria (com a canção *Um grande anseio*, da P. Iára Müller), e na outra, em primeiro lugar (com a canção *Quero Chegar*, desta autora).

Quanto ao funcionamento do grupo, um aspecto relevante é que se trata de um grupo aberto, sem formação fixa. Ou seja, as pessoas podem participar de acordo com sua disponibilidade. Também não são colocados pressupostos musicais, sendo que algumas pessoas participam cantando, outras tocando instrumentos. Com isso, a formação do grupo muda praticamente a cada semana, se bem que a maioria das pessoas participa de forma mais contínua, por pelo menos um semestre.

A tarefa de coordenação do grupo implica basicamente em convidar, motivar e reunir pessoas interessadas em participar, preparar repertório, trocar ideias com os celebrantes de cada culto, propor, pesquisar, aprender e ensaiar repertório, observando aspectos musicais como: tonalidade, introduções instrumentais, caráter de cada música, bem como aspectos litúrgicos de adequação do repertório e da interpretação musical ao tema do culto, localização espacial, conhecimento do *ordo*, do calendário litúrgico, das possibilidades de repertório e onde inseri-las. Criar arranjos para os instrumentos disponíveis e para as condições técnicas dos e das participantes, o que varia a cada semana praticamente.

Por se tratar de uma instituição de formação, é comum que material musical inédito e repertório novo na vida da igreja seja apresentado primeiramente nos cultos da casa. O grupo vem reunindo, desde sua formação, um acervo de material musical, que inclui publicações oficiais da igreja, como os hinários e livro do organista, materiais publicados pelo Centro de Recursos Litúrgicos (CRL) e outros, trazidos da própria vivência comunitária dos integrantes e compartilhados. As pessoas responsáveis pelos cultos também contribuem com material, quando incluem em sua liturgia repertório não conhecido do grupo. Quando tal repertório não é repassado pelos oficiantes, exige do próprio grupo um trabalho de pesquisa.

Um jeito de olhar e suas práticas

Entre as compreensões centrais que motivam e orientam o trabalho está a premissa de que o culto é um encontro de Deus com as pessoas, e destas entre si. Assim sendo, a música realizada pelo grupo tem sua centralidade em tal encontro, e por ele se baliza. O que leva a refletir sobre os papéis do grupo em si. Ele não é um grupo de *performance*, mas tem a intenção de auxiliar, motivar e fortalecer o canto comunitário.

Dar liberdade para que o canto comunitário floresça como expressão de fé conjunta significa “levar a comunidade pela mão”, conduzi-la vocalmente no canto conjunto, com harmonia, ordem e dignidade. É levar em consideração a ideia de que o canto comunitário é o lugar por excelência da participação comunitária ativa no culto; conforme Schalk:

Se a música do culto é parte do exercício do sacerdócio geral de todos os crentes, então a música da igreja não é primeiramente algo para se escutar, mas algo no qual o fiel

participa.[...] Compreender a música da igreja como participatória é acentuar que a liturgia não é jamais um mero drama que observamos nem é um evento que esperamos que nos entretenha para garantir que retornemos na semana seguinte. Afirmar que a música da igreja é participatória é afirmar que não vamos à liturgia para ser expectadores, mas participantes engajados, e engajados – em certa extensão, pelo menos – no canto comunitário.²

Por isso, em termos de espaço, o grupo se posiciona lateralmente em relação à comunidade. Não se coloca à frente, nem ao fundo do espaço celebrativo, mas junto com a comunidade. Eventualmente, procurou-se que o grupo se espalhasse pelo espaço, entre as outras pessoas que compareceram ao culto, como forma de reforçar essa ideia. Geralmente, a própria equipe litúrgica se encarrega de delimitar o espaço ocupado pelo grupo, mas este geralmente é como exposto no início deste parágrafo. O grupo é co-celebrante do culto, e participante. A riqueza do *cantar com a comunidade* fica assim evidenciada, como já expresso por Lutero:

Ele quer ouvir as multidões e não você ou eu isoladamente, ou um único e isolado fariseu. Portanto cante com a comunidade e você cantará bem. Mesmo que o seu cantar não seja melodioso, ele se mesclará ao som do grupo. Porém, se você cantar sozinho, você sofrerá críticas.³

Por outro lado, dar liberdade ao canto comunitário implica em cuidado especial com o acompanhamento instrumental. Como bem dito, é acompanhamento – a primazia é da voz. Os instrumentos auxiliam, quando fazem a introdução, determinando o caráter, andamento e tonalidade de cada música. Podem soar também sozinhos, no prelúdio e no poslúdio ou durante a distribuição da ceia. Estas peças tem um papel específico no culto, como no caso do prelúdio:

O que diferencia o prelúdio do restante das músicas num culto é que ele tem a função de criar um novo ambiente para a comunidade. Ou seja, é um momento em que a comunidade recebe essa música, nela medita e se prepara para o que está se iniciando: seu encontro com Deus.⁴

Eventualmente, o grupo é solicitado a fazer outro tipo de participação no culto, como o papel de um coro. Então, novamente está no pano de fundo a questão do sacerdócio geral de todas as pessoas que creem. Mesmo que a participação seja somente do grupo, ela não é entendida como apresentação para a comunidade. O grupo é, naquele momento, encarregado por auxiliar a comunidade no seu encontro com Deus, trazendo uma mensagem racionalmente importante, mas também a beleza e a harmonia, inspiradoras para a oração e o louvor. Ou seja, está embutida a dimensão do serviço. Essa já era uma percepção de Lutero, trazida agora para este contexto:

Sua compreensão do coro como uma parte da comunidade reunida, servindo à comunidade com essa forma tão ímpar e conjuntamente oferecendo sua adoração e

² SCHALK, Carl F. *Lutero e a música: paradigmas de louvor*. Tradução de Werner Ewald. São Leopoldo: Sinodal, 2006, p. 72.

³ SCHALK, 2006, p. 58.

⁴ ZIMMERMANN, Cleonir Geandro. Teoria e prática do ministério da música. In: EWALD, Werner (org.) *Música e Igreja – Reflexões contemporâneas para uma prática milenar*. São Leopoldo: Sinodal/Conselho Nacional de Música da IECLB; Porto Alegre: Coordenadoria de Música da IECLB, 2010, p. 73.

oração, era, mais uma vez, outro exemplo da doutrina do sacerdócio geral em ação.⁵

Aprender a escutar os outros instrumentos, e até o próprio, bem como o canto coletivo e a própria voz em harmonia com este canto coletivo, é um processo interessante e simbólico, não somente para a vida musical, mas para o futuro trabalho (poimênico) dos integrantes.

Entender o que acontece quando as vozes soam conjuntamente também é uma riqueza a se considerar:

A união das vozes exprime a união dos corações. Nenhuma significação do canto é mais universalmente reconhecida nem mais bem experimentada pelos que cantam juntos. O canto coral faz surgir a comunidade e a constitui.⁶

Embora a finalidade primeira do grupo não seja a *performance*, há uma preocupação com a qualidade musical. Se existem diferentes forças musicais, tecnicamente discrepantes, a ideia é auxiliar o todo do grupo para que encontre harmonia, afinação e bom gosto. Trazer e acrescentar repertório que também seja musicalmente bom, adequado, interessante e instigante é um dos objetivos do grupo. Muitas vezes, o canto comunitário tem sido confundido com canto simplório, sem atrativos. A comunidade, em muitos contextos, é subestimada em sua capacidade de produzir algo belo em conjunto. Ensinar a comunidade a fazer melhor é uma das possibilidades de reavivar o canto comunitário, na medida em que as pessoas se tornam, pelo *saber fazer*, plenamente livres e encorajadas para a participação. Lutero enfatizava o ensino da música para crianças e jovens, a partir dessa ideia:

A doutrina do sacerdócio geral de todos os crentes também irradia um espírito democrático que revestiu de humildade e, ao mesmo tempo, de dignidade o ofício de cada cristão, especialmente a participação de cada um no culto. Porém tal espírito democrático não levou Lutero a adotar baixos padrões de música, ou de ordem litúrgica, ou a abandonar a beleza e a ordem. Para Lutero, o fator determinante era o *sacerdócio* do povo, e não sua educação, espiritualidade ou pobreza espiritual.⁷

Para facilitar e motivar a participação, quando é inserido novo repertório ou algum que encontre dificuldades técnicas, é realizado um breve ensaio prévio ao culto com a comunidade, que tem ajudado o canto conjunto no culto propriamente dito.

Aspectos formativos a considerar

A própria experiência do culto carrega em si um potencial formador. A forma do culto, a liturgia e a pregação formam os participantes para uma determinada teologia implícita.⁸ A possibilidade de conhecer profundamente os aspectos, as partes e as variáveis da liturgia, o *próprio* e o *ordinário*, e participar da experiência de culto em um local diferente de sua comunidade de origem (onde aspectos culturais também são revelados a cada semana, de acordo com a equipe litúrgica responsável) provavelmente sejam um dos legados mais importantes do

⁵ SCHALK, 2006, p. 59.

⁶ GELINEAU, Joseph. *Canto e música no culto cristão* – princípios, leis e aplicações. Rio de Janeiro: Vozes, 1968, p. 21.

⁷ SCHALK, 2006, p. 58.

⁸ EBERLE, Soraya. “Ensaio prá quê?”- *Reflexões iniciais sobre a partilha de saberes: o grupo de louvor e adoração como agente e espaço formador teológico-musical*. 2008. 110f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2008. p. 96,97.

grupo na formação de ministras e ministros ordenados. Baronto também se ocupa dessa questão, e traz a proposta de uma *educação para a ritualidade*:

Esta é entendida como o processo pedagógico que tem por objetivo final a participação ativa, exterior e interior, consciente, plena e frutuosa dos fiéis nas celebrações litúrgicas, por meio da ação ritual. Supõe-se que essa educação não deva ocorrer somente no plano intelectual, limitando-se à transmissão de conteúdos. Torna-se necessário educar para a ritualidade, ou seja, envolver a pessoa como um todo, em várias dimensões: corporal, relacional, intelectual, afetiva, volitiva, intuitiva, imaginária, simbólica, experiencial, etc.⁹

Essa educação para a ritualidade permeia a vivência do grupo, tanto nos ensaios, mas também e inevitavelmente na participação no culto (embora a finalidade de um culto não seja primeiramente didática). O culto certamente, também em um centro de formação, não é um laboratório, nem uma aula, e não pode ser jamais considerado como tal. Mas qualquer pessoa que execute a música no culto se envolve nesse processo de experiência-aprendizagem para uma determinada maneira de celebrar, a qual está vinculada com a confessionalidade e a teologia, embutidos naquele culto determinado.

Isso significa novas responsabilidades para os músicos da igreja quando eles se dão conta das implicações para o ensino e estudo que a ênfase na participação comunitária inevitavelmente envolve. Não se trata de simplesmente ensinar uma nova liturgia ou um novo hino, mas do ensino e da aprendizagem que alargam os horizontes do culto da igreja para todos os que estão envolvidos.¹⁰

Nesse sentido, a análise do conteúdo teológico também ocupa seu espaço no grupo. Se bem que nem sempre é possível ao grupo opinar junto às equipes litúrgicas, a dinâmica que ocorre no ensaio é uma importante fonte de aprendizagem e debate teológico. Ali florescem as diferenças, a partir do repertório ou do roteiro litúrgico proposto, o que é muito salutar para o crescimento de cada uma, cada um. Mas esta análise não está isenta dos afetos, ainda mais por ser a música identitária e marco na vida de fé e na experiência recorrente de cada pessoa. Então, um novo aprendizado de tolerância tem a possibilidade de acontecer.

Perceber que a música não é um aspecto neutro ou acessório do culto traz às futuras ministras e aos futuros ministros a percepção da responsabilidade das escolhas musico-teológicas no trabalho comunitário. Ao perceber que a própria música, seu conteúdo textual e as decisões a ela relacionadas (como localização espacial, forma de realizar o acompanhamento, utilização de vozes solistas versus canto comunitário) formam a comunidade em diversos aspectos, dão-se conta da necessidade de moldar a música juntamente com a liturgia, de fazer um arranjo temático, aprendendo a utilizar o maior potencial do repertório de forma mais adequada e pertinente. Também se dão conta da necessária integração e sintonia entre o ministério ordenado e o serviço musical, e quais as contingências da adequada preparação musical.

Pessoas que trabalham com música nas comunidades estão desempenhando papel importantíssimo do ponto de vista da pregação da Palavra. Quem lida com música na

⁹ BARONTO, Luis Eduardo Pinheiro. *Laboratório Litúrgico*: pela inteireza do ser na vivência ritual. São Paulo: Salesiana, 2000. p. 20,21.

¹⁰ SCHALK, 2006, p. 72.

igreja está lidando também com dimensões teológicas, litúrgicas, históricas, antropológicas, poimênicas e muitas outras.¹¹

Por outro lado, o manejo de material musical muito variado, proveniente de diferentes tendências e correntes teológicas, sempre em contrapartida ao que já era conhecido de cada uma, cada um, é um acréscimo de saberes muito importante. Alarga os horizontes, na medida em que melhor prepara cada integrante para, no futuro, em seu local de atuação, trabalhar a tolerância e o respeito à diversidade e se adaptar ao contexto local; ainda com a possibilidade de proposição.

Há ainda aprendizagens musicais que se realizam dentro do grupo. Todo o trabalho de ensaio e aprendizagem de repertório é uma prática de percepção auditiva importante. É feito trabalho de técnica vocal e percepção, de forma sistemática, para auxiliar pessoas que encontram dificuldades com a afinação vocal. Todo o ensaio também traz em si aspectos interpretativos e estilísticos do repertório (um *Kyrie* não pode soar igual ao *Sanctus*, um baião é tocado de forma diferenciada de um hino do Século XVI). E há trocas referentes a conhecimentos musicais específicos, como teoria, técnica instrumental, formação de acordes, e outros. Tal processo acontece espontaneamente, num exercício (geralmente) generoso de troca e partilha:

[...] as relações dos alunos com a música e suas práticas e aprendizagens musicais são construídas a partir de conceitos, princípios, convenções, expectativas e padrões compartilhados. Estes vão sendo aprendidos e internalizados, de modo formal e/ou informal, ao longo da existência de cada aluno, a partir de suas experiências diretas e de interações com outras pessoas, com membros dos grupos, comunidade e/ou sociedade a que pertencem.¹²

Loureiro traz a tona este aspecto social e cultural da aprendizagem musical, como expresso abaixo:

A música, como qualquer conhecimento, entendida como linguagem artística, organizada e fundamentada culturalmente, é uma prática social, pois nela estão inseridos valores e significados atribuídos aos indivíduos e à sociedade que a constrói e que dela se ocupam.¹³

O grupo proporciona o contato com diferentes aspectos culturais, justamente por haver nele pessoas das mais variadas regiões do Brasil, e também do mundo; também as formas de celebrar variam em cada região. Do ponto de vista social, o convívio com realidades culturais e teológicas tão variadas favorece uma riquíssima experiência de troca. De forma breve, pode-se dizer que no grupo se aprendem princípios de tolerância, autonomia, prontidão, liderança, mediação de conflitos, respeito, valorização da diferença e unidade, num interessante exercício de *aprender a ser e aprender a conviver*.¹⁴

¹¹ SOUZA, Mauro Batista de. *Prédica e Música*. In: EWALD, Werner (org.) *Música e Igreja – Reflexões contemporâneas para uma prática milenar*. São Leopoldo: Sinodal/Conselho Nacional de Música da IECLB; Porto Alegre: Coordenadoria de Música da IECLB, 2010. p. 42.

¹² DEL BEN, Luciana. *Avaliação da aprendizagem musical dos alunos: reflexões a partir das concepções de três professoras de música do ensino fundamental*. In: HENTSCHKE, Liane; SOUZA, Jusamara (Org.). *Avaliação em música: reflexões e práticas*. São Paulo: Moderna, 2003. p. 34.

¹³ LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. *O ensino de música na escola fundamental*. Campinas: Papirus, 2003. p. 21.

¹⁴ DELORS, Jacques (org). *Educação: um tesouro a descobrir*. 2. ed. São Paulo, Brasília: Cortez, MEC, Unesco, 1999, p. 89-102. Os quatro pilares da Educação, Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI.

Os reflexos na atuação comunitária posterior

Quais as consequências e o preparo efetivo que o grupo pode trazer para a atuação de ministras, ministros ordenados, mas também de musicistas, quando concluem sua formação e vão para o contexto comunitário? Não há como medir isso de dentro da instituição; por isso, trazemos aqui o relato de três pessoas, postados como comentário e incentivo aos atuais participantes, em uma rede social. Servem como um testemunho prático. As três pessoas participaram do grupo praticamente desde a sua formação e atualmente estão atuando em contexto comunitário e escolar¹⁵.

Escreve um aluno (formando no semestre em que escreveu o relato) e já atuante em comunidade, também professor de Música:

Ontem mesmo estava conversando com a Vanessa sobre o porquê eu comecei a participar do grupo que toca nos cultos (até então não tinha nome). Quando comecei a participar no grupo eu fazia pestanas mal e porcamente [*sic*]. Minha intenção era conhecer os hinos que são cantados em outras comunidades. Era um desafio cada hino, porém, era muito gratificante aprender com pessoas que estavam com um conhecimento mais avançado (Geraldo, Santoro, que já se formou) e outros com o mesmo conhecimento que eu. Já vi muita gente passando pelo grupo e também como cresceram (musicalmente e socialmente). Algumas pessoas eu nunca havia conversado ou conversávamos pouco. O grupo pode proporcionar isso. A sensibilidade litúrgica é algo que quando se participa do grupo nós vamos adquirindo. Dúvidas teológicas surgiram, surgem e surgirão e cada um com seu pensamento e fazer teológico colaborará para ver se tem problemas teológicos nos hinos ou se há algum problema. Uma construção teológica - litúrgica - musical juntos, e cada um com suas limitações, que por sinal são muito importantes para um fazer em grupo. Creio que o PPLM é um espaço muito além da formação acadêmica, mas espiritual e social. Onde cada um é desafiado de acordo com suas possibilidades.

Outra participante escreve a partir do seu Período Prático de Habilitação ao Ministério, realizado em comunidade:

Penso que este grupo, além de ser um espaço de aprendizado e prática litúrgico-musical, foi para mim um espaço de viver comunidade, integrar diferenças, conviver sabendo respeitar o ritmo de cada um, cada uma. Lembro quando o Guga ainda estava aprendendo as pestanas e nós do violão, às vezes tentávamos superar o som do órgão, né Geraldo!! [*sic*]

Por fim, um terceiro relato, que traz de forma muito explícita o valor da participação no grupo para a atuação comunitária:

Quanto tempo. Obrigado por lembrar de mim. Sim, se há coisas das quais não me esqueço, uma delas eram nossas pequenas discussões sobre a teologia dos hinos hehehehe [*sic*]. E como eram boas e construtivas. Como foi bom participar do PPLM com vocês, aprendi muito sobre música, liturgia, tradição e inovação. No meu PPHM em Gaivotas tenho ensaiado um grupo bastante parecido com o PPLM e tem dado muito certo. Portanto, o PPLM contribuiu muito para minha formação. Principalmente para o trabalho com jovens e música. Eles não querem um grupinho fechado de perfeitos que não erram na interpretação de belíssimas peças musicais. Eles querem se reunir para

¹⁵ Os comentários são publicados com a devida autorização da autora e dos autores, e tanto nomes quanto locais foram omitidos ou são fictícios.

cantar, colocar tbm [sic] o seu estilo nas músicas, cada um com o que sabe, com pestanas bem feitas ou nem tanto, com ritmo bem observado, mas que muitas vezes dá espaço para um andamento meio diferente hehehe [sic]. Pessoal, só posso dizer que o PPLM é muito parecido com o que vamos encontrar em comunidades. Precisamos aprender hinos tradicionais e precisamos inovar, saber lidar com grupos abertos, espontâneos, etc., pois isso é nossa IECLB. Aos que já são muito bons para participarem do grupo, deixe que a prática ministerial futura lhes mostre a realidade. Abraço a todos e todas.

Concluindo, é interessante perceber que há uma afluência de pessoas para o grupo quando se encontram no primeiro semestre de curso (e com um ímpeto especial para a participação), mas também após a realização dos estágios, onde muitas vezes as carências de conhecimento musical se revelam, e no final do curso, antes de ir efetivamente para a vida comunitária.

Se bem que este grupo se encontre em um contexto específico, podemos perceber que é possível e viável adaptá-lo para outros contextos, também. A ideia de reproduzir o modelo de grupo aberto para a vida comunitária é uma tendência que ganha força e nos parece plenamente evangélica, de acordo com a ideia do sacerdócio geral.

Creemos que, no futuro, novos aprofundamentos e alargamentos do relato feito aqui possam ocorrer, possivelmente por participantes do próprio grupo. Certamente nem todos os aspectos relevantes para o grupo puderam ser listados aqui. Também seria interessante demonstrar em pesquisa as limitações desse trabalho. E assim, que a pesquisa continue caminhando com a prática, convergindo para o culto, para a glória de Deus.